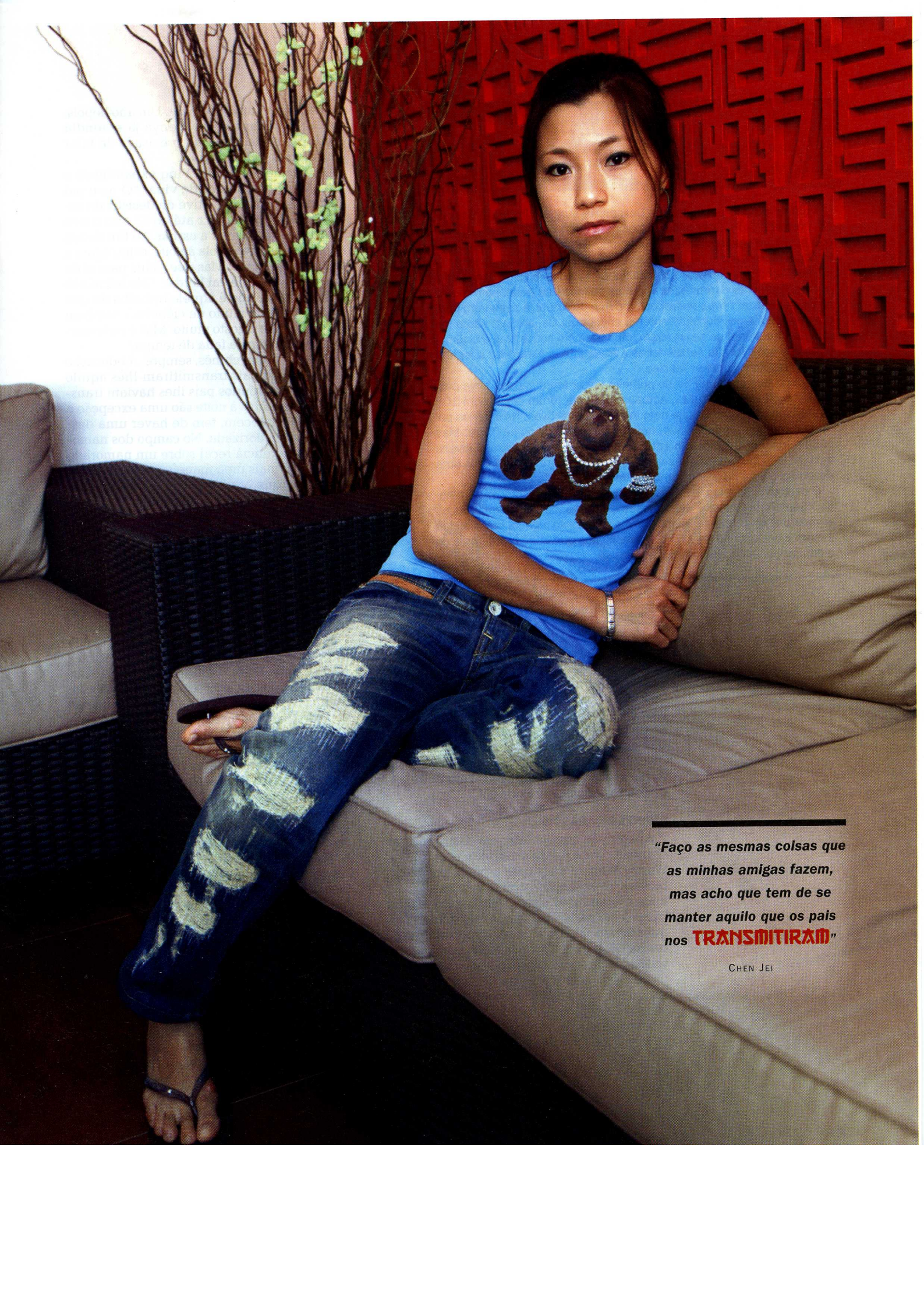


A CHINA aqui tão perto

São filhos da China, mas a terra-mãe da qual herdaram os olhos em bico está-lhes perto do coração e longe da vista. Esta é a segunda geração de chineses em Portugal que herdou os valores orientais e que vive segundo os padrões de vida ocidentais. Estes já não são os chineses que vivem só para trabalhar, trabalhar, trabalhar, que falam em “aloz chau chau” e que se despedem com um “obrigado!”. Não. Estes são chineses que cresceram a falar português na escola e chinês em casa, uma geração que até pode dedicar-se às lojas ou aos restaurantes de família, mas que quer mais. Eis o retrato da “família feliz” a 10 mil quilómetros de distância das suas raízes. Chineses que recusam usar o número quatro por ter uma sonoridade semelhante à morte, mas que adoram caracóis. Chineses que descrevem a sua terra como “lá na China”

Os pais “encomendaram-lhe” uma noiva em Taiwan. O jovem Y Ping Chow estava em idade de construir uma família e os pais tiveram de procurar uma jovem casadoira oriental. Por cá, não havia raparigas chinesas – a família foi uma das primeiras a chegar a Portugal – e casar com uma portuguesa seria uma terrível ofensa às origens. Conheceram-se quando ela chegou a Portugal, antes só se tinham visto por fotografia e namorado por carta. “Tive sorte por-

que era bonita e por isso não me importei”, conta o presidente da Liga dos Chineses em Portugal. Deixou o curso de Economia a meio e foi tomar conta de um restaurante chinês que o pai abriu. Agora as coisas são diferentes. Os filhos herdaram os traços chineses e têm nomes chineses, mas até podem namorar com portugueses e já tem netos com nomes portugueses. “As pessoas desta segunda geração podem ser diferentes umas das outras dependendo da situação dos pais ▶



*"Faço as mesmas coisas que
as minhas amigas fazem,
mas acho que tem de se
manter aquilo que os pais
nos **TRANSMITIRAM**"*

CHEN JEI

CHINESES em Portugal

Na era da tecnologia, nada como um fórum para aproximar uma comunidade dispersa

No final do ano passado, em Dezembro, surgiu o Fórum Chineses em Portugal (CEP). Depois de ter passado a era do MIRC e do Hi5 em que já tinham conseguido reunir um grupo de chineses, Joaquim Jinhui tomou a dianteira e criou um Fórum. "Era uma coisa para pessoas como eu. De há uns anos para cá não tinha muitos amigos chineses e foi por isso que criei o fórum. Para que as pessoas se pudessem reunir, conversar e fazer novas amizades." Do mundo virtual já passaram para o mundo real e ocasionalmente há encontros. Os jantares são a forma mais frequente de se reunirem, mas também houve idas a cinema, *bowling* e *paintball*. Às sextas-feiras é frequente encontrá-los a jogar à bola no Instituto Superior Técnico.

O grupo tem crescido. Se no primeiro jantar eram apenas nove pessoas, no último eram trinta. Actualmente este fórum conta com 100 pessoas inscritas, ainda que nem todas sejam activas. Há critérios para entrar: é preciso ser chinês, nascido em Portugal ou na China. Mas não há idades. Trata-se, no entanto de um grupo de pessoas jovens que um dia, caso levem esse projecto avante, pretendem criar uma associação para auxiliar a comunidade chinesa.

O objectivo de Joaquim Jinhui partiu de uma solidão talvez partilhada. "Sempre tive amigos portugueses e sempre me senti bem, mas os amigos chineses entendem melhor. Às vezes digo alguma coisa e eles sabem o que estou a sentir. Por exemplo, nas questões familiares e no entender por que é que os nossos pais são assim."

► Se já nasceram cá e têm 15 ou 20 anos, os pais já cá estão há mais de 20 e alguns têm uma mentalidade diferente, mais ocidentalizada. Por isso, a maneira de integrar os filhos é diferente." Y Ping Chow fala em cerca de 20 mil chineses em Portugal e reconhece que o número oficial é bastante mais baixo. As contas do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras são de 14 396 chineses com autorização de residência em Portugal.

BRONZE E CARACÓIS

Apague-se aquela imagem das raparigas chinesas: reservadas, pálidas e contidas. Wenya Ying adora ir para a praia, comer caracóis e viver sem constrangimentos. Tem 22 anos e quando chegou a Portugal já tinha treze. Veio na idade ingrata. Na China frequentava o 9.º ano e cá foi integrada numa turma de 4.º ano. Chorava todos os dias com saudades da sua terra, dos seus amigos que tinham ficado lá na China. Os pais vieram à conquista dos portugueses uns anos antes. Depois chegou a altura de virem as filhas. Começaram por ter um restaurante, "mas como não estava assim grande coisa abriram uma loja dos 300 no Montijo". Por isso, vieram da China até ao Montijo para uma turma de crianças muito mais novas, sem

saberem uma única palavra. Um ano depois, apesar de falar pouco, Wenya já entendia qualquer coisa. Quando precisava de falar com alguém, tinha a irmã.

O negócio da família Ying expandiu-se e Wenya teve de mudar de vida. "O meu pai abriu mais uma loja e tive de desistir da escola para o ajudar. Fiz até ao 7.º ano e tive muita pena de deixar a escola. Ao fim de um ano entrei para a escola à noite, estou agora a acabar o 12.º ano." Mas quer mais para si do que o negócio que vai herdar. "No início não gostava nada, não é aquele trabalho de que eu gosto. Gosto muito de ciências e também aprendi piano e gosto muito. Mas é tudo muito complicado pela falta de tempo."

Em casa falam chinês, sempre. A educação foi rígida. Os pais transmitiram-lhes aquilo que os seus próprios pais lhes haviam transmitido. As saídas à noite são uma excepção e quando acontecem, tem de haver uma descrição pormenorizada. No campo dos namoros, a preferência recai sobre um namorado chinês. "É mais uma maneira de proteger os filhos, porque aqui em Portugal há muitas separações e se calhar acham que com estrangeiros não se vão entender muito bem."

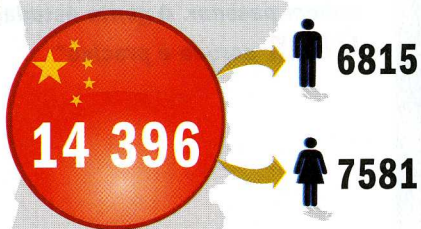
Ao longo dos anos em Portugal, Wenya descobriu que já não se imagina a voltar para a China. Gosta mais de estar por terras lusas, da maneira de estar dos portugueses. Não tem dificuldade em distinguir as duas gerações de chineses a residir no nosso país. "Para eles é só trabalhar, trabalhar, trabalhar. Não há férias, não há dias de descanso, não se pode fazer isto, não se pode fazer aquilo. Não se pode fazer muitas coisas. Viver serve para ficar feliz, acho eu. Agora, viver com muitas regras não acho bem. Acho que não vou ser igual aos meus pais. Posso continuar algumas coisas deles e depois vou seguir a minha vida." Sente-se melhor a viver assim entre os amigos chineses e os amigos portugueses, entre o Ocidente e o Oriente. Ainda tem passaporte chinês, mas quer ter o português e adquirir a nacionalidade. Tem vantagens, diz. Evita que ande a pedir o título de residência de dois em dois anos. Os pais aceitaram esta sua decisão, mas já deu de caras com pessoas que não reagiram assim tão bem. "Já me disseram: 'Vais mudar de nacionalidade? Então já não vais ser chinesa!' Eles têm muito essa ideia."

FAMÍLIA E TRABALHO

A vida de Chen Jei aconteceu entre os bancos da escola e o restaurante dos pais. Sempre foi assim, 20 anos depois de ter chegado a Portugal continua a ser a assim. O pai veio primeiro, chegou a Portugal em 1984. Depois veio a mãe. As três filhas ficaram na China e quando vieram tinham seis, sete e oito anos. Chen Jei era a do meio. Foram as três para a mesma turma. Um ano depois, ►

Chineses em Portugal

Número de chineses em Portugal



Pedidos de emissão de primeiros títulos de residência em 2009

1,947

Chineses em situação ilegal identificados em 2009

126

Chineses que adquiriram nacionalidade portuguesa em 2009

120

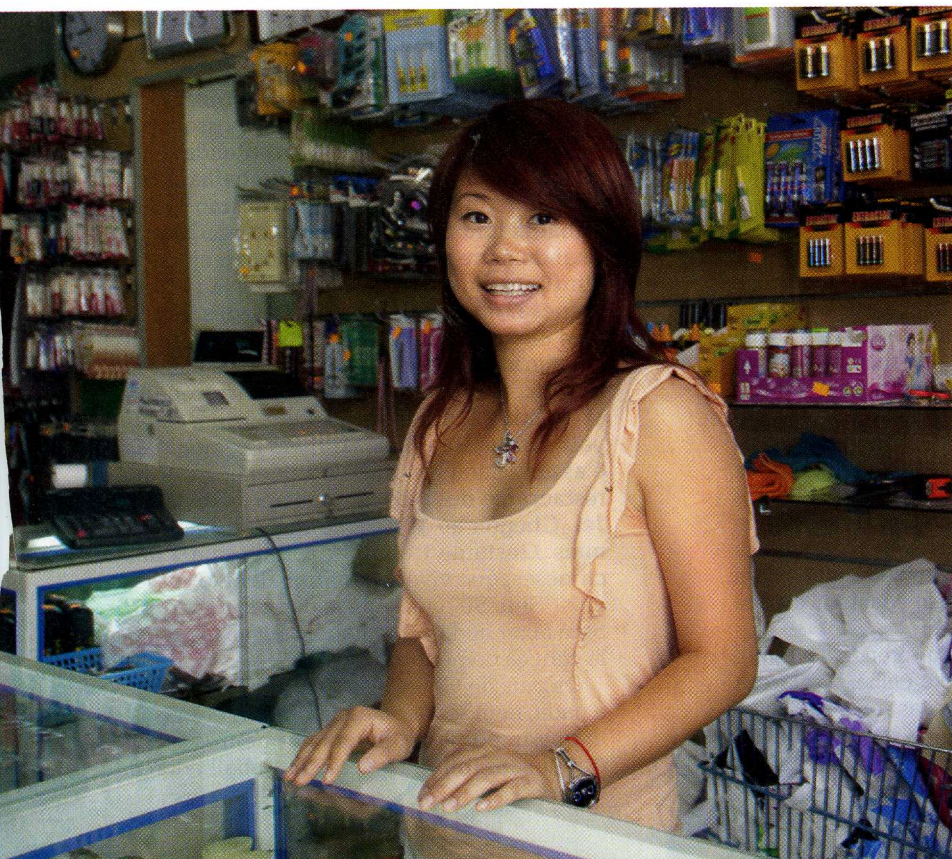
33/10/FOCUS - Infografia Impacto/MS

Luis Miguel Silva



*“As pessoas desta segunda geração podem ser muito diferentes em função da **SITUAÇÃO DOS PAIS**”*

Y PING CHOW



*“Acho que não vou ser igual aos meus **PAIS** . Posso seguir algumas coisas deles, mas depois vou seguir a minha vida”*

WENYA YING



“Tenho muitas amigas [portuguesas] que só sabem passear. A gente estuda, trabalha e somos ÚTEIS porque é preciso”

CHEN JEI

► dominavam a língua. “Se fossemos mais velhas, como acontece com alguns, se calhar era mais difícil de aprender. Muitos desistem da escola para trabalhar, outros fazem as duas coisas: estudar e ajudar os pais como nós fazíamos.” E tal como as três irmãs, as outras três que já nasceram em Portugal também o fazem. É uma regra na família.

Apesar de terem tido uma ama portuguesa, os pais de Chen Jei sempre fizeram questão de manter as raízes, o respeito pelos costumes, pelos hábitos. Que costumes são esses? “Trabalhar e ser trabalhador.” Alguma vez lhe custou ver as suas amigas portuguesas terem uma vida mais despreocupada? “Não. Sempre foi assim e acho que deve ser assim. Tenho muitas amigas que só sabem passear e não fazem nenhum. A gente estuda, trabalha e somos úteis porque é preciso. As minhas irmãs mais novas fazem o mesmo e não se queixam. Também vão à praia com as amigas mas sempre de acordo com o que a minha mãe deixa e sem andar sempre na rua.” Diz que não teve uma infância rígida, que a mãe só não queria que as filhas desalinhassem.

Os pais de Chen Jei sempre deram liberdade de escolha às filhas, se quisessem estudar iriam estudar o que bem entendessem. Se não estudassem teriam de trabalhar, com os pais ou não. No entanto, mesmo quem trabalha fora do núcleo familiar vem ajudar quando é preciso. “Todos temos de ajudar a família, a ligação é muito forte. Na cultura chinesa, os pais estão encarregues das filhas até que elas casem e tenham a sua vida, marido e filhos. Tenho 27 anos e não sou casada. Ajudo a família e eles encarregam-se de mim. É da responsabilidade dos meus pais sustentarem-me. Aqui em Portugal não é assim. Cada um trabalha por si.” Ficar no restaurante dos pais foi uma opção de Chen Jei. Chegou ao 12.º ano e não quis estudar mais. Gosta de trabalhar. O que se diz dos chineses, que vivem para trabalhar, é verdade? “Sim. Se não, saímos do país para quê? Sem fazer nada é que não. Isso não passa pela cabeça de nenhum chinês.”

Os pais de Chen Jei não obrigam as filhas a nada, nem sequer a namorar com chineses. O que importa realmente nos genros é que gostem das filhas e que sejam trabalhadores.

PERCEBER os chineses

O investigador Pedro Góis, do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, já fez vários estudos sobre a comunidade

Para além de estudar as ligações dos chineses à China e a sua integração, já foi à China e passou muito tempo a tentar perceber esta misteriosa comunidade. A geração que actualmente é jovem e que integra a comunidade escolar e universitária ainda é escassa e o motivo, segundo Pedro Góis, é simples: são poucos, por isso é natural que não haja muitos na universidade. Por outro lado, o investigador explica também que muitas vezes os pais põem os filhos a estudar fora de Portugal numa lógica de mobilidade ascendente, de vontade de partir para outros países. No entanto, os que integram estas comunidades têm tido sucesso. Um sucesso que se prende também com a forma como se dedicam ao seu trabalho que é estudar e melhorar a sua vida. “Dentro de casa mantêm-se os hábitos como a capacidade para trabalhar e a dedicação ao trabalho. Daí o sucesso escolar”, explica Pedro Góis à Focus.

Outra das questões apontadas pelo investigador prende-se com o afastamento que estas gerações criam em relação à China. “Os jovens deixam de ouvir a música, fogem da ideologia e da gastronomia. Ficam entre a cultura dos pais e a sua própria cultura.”

“Apesar de gostar de ter um estilo de vida PORTUGUÊS, sou mais chegado à família... Não sei explicar... mas identifico-me mais com os valores e com a forma de estar dos chineses”

JOAQUIM JINHUI

Um valor que é fundamental para a maioria das famílias chinesas. E um valor que esta mulher pretende transmitir às gerações seguintes. “Há pessoas que dizem que sou 50 por cento portuguesa e 50 por cento chinesa. Já tenho uma mentalidade diferente e compreendo e aceito. Faço as mesmas coisas que as minhas amigas fazem, mas acho que tem de se manter sempre aquilo que os pais nos transmitiram. Se o faço também quero que a geração seguinte o faça. Mesmo que me casasse com um português, gostaria que os meus filhos falassem mandarim. Se se perder completamente a língua, aí é só um português com cara chinesa.”

ORIENTE LIBERAL

O seu nome “oficial” é Joaquim Jinhui. O seu nome em casa é Wang Jun. Para baralhar ainda mais, conta que o seu apelido nem sequer devia ser Jinhui. “Houve uma troca no registo. Puseram o nome do meu pai como o meu apelido. Nós os chineses temos o apelido e depois o nome. Eles pegaram no último.” A desculpa para esta trapalhada não é difícil de encontrar: Há 27 anos, quando Joaquim nasceu, não havia muitos chineses

em Lisboa e menos ainda a nascerem por cá.

A família Wang veio atrás de uma vida melhor. Começaram por baixo. Vendiam na rua e nas feiras. O esforço valeu-lhes um pé-de-meia suficiente para abrir um restaurante chinês. Alguns anos mais tarde decidiram mudar para o outro dos dois negócios mais comuns na comunidade chinesa: uma loja. “As coisas na época não andavam muito boas para os restaurantes, devido aos boatos que andavam a circular, e foi uma fase má. Como já estavam saturados, abriram uma loja de produtos chineses.” Apesar de já estarem cá há quase 30 anos, os pais de Joaquim Jinhui sabem apenas o básico em português. A falta de adaptação à língua do país que escolheram para viver, fez com que a filha mais velha tivesse de abdicar dos estudos na 4.ª classe para ajudar no negócio. Alguns anos mais tarde, quando a irmã casou, a responsabilidade passou para Joaquim. “Não cheguei a acabar o 12.º ano, mas foi uma opção minha. Nunca me incentivaram a continuar os estudos, mas também nunca me obrigaram a deixar a escola.” Gosta daquilo que faz? “Não é gostar, mas não me importo. Não diria que é a minha paixão, mas também não me sinto obrigado.”

As suas paixões são outras. É o futebol, a informática e muitas outras coisas que estão longe deste mundo onde se move. Cresceu de uma forma liberal. Os pais nunca lhe exigiram muito da parte chinesa. Apesar de não saber ler nem escrever a língua dos pais, fala-a na perfeição. Aprendeu em casa. Até aos cinco anos não conhecia outra língua. Era a que falava em casa e era a que ouvia nos filmes e nas séries. “Fui para a 1.ª classe aprender o B-A-BA como todas as outras crianças. Não tenho grande memória desses tempos, mas não tive problemas de integração. Há sempre um ou outro que goza, mas isso passa. Há pessoas que dizem que são constantemente gozadas por serem chinesas, mas isso também depende do nível de paciência de cada um.”

Ainda que tenha nascido e tenha feito toda a sua vida cá, sente-se mais chinês do que português. “Apesar de gostar de ter um estilo de vida português, sou mais chegado à família... Não consigo explicar... mas identifico-me mais com os valores e com a forma de estar dos chineses.” No entanto, não se imagina a viver lá na China. Entre as duas gerações de chineses a residir em Portugal vê diferenças, bastantes. “A primeira geração é mais trabalho. A segunda são mais universitários, já vão seguir um caminho diferente dos pais e seguir carreiras ou ter negócios que não a loja ou o restaurante.”

Assume que a sua família é mais liberal do que a maioria das chinesas. Os pais nunca o impediram de sair e de escolher quem quer que fosse na sua vida sentimental. Já teve ▶



► uma namorada portuguesa. Os pais não se opuseram. Preferiam uma chinesa, mais não fosse para poderem comunicar com a nora.

ORIENTE ENRIQUECEDOR

Há tradições que são para manter: Durante dois anos, Manuela Chen foi enviada para a China para aprender mandarim. A mãe fazia questão e a escola chinesa de Lisboa com apenas uma aula por semana não lhe parecia suficiente. Filha de chineses, nascida e criada em Portugal, não podia não saber a língua, a cultura e os costumes do país que lhe deu o passaporte, mas que não a viu nascer.

A história da família Chen não é diferente da história da maioria dos imigrantes chineses. Um primo tinha um restaurante e precisava de alguém. O pai de Manuela veio e atrás dele veio a mulher com dois filhos. Cá nasceram mais dois.

Se na rua é o Ocidente que domina a vida que leva, em casa o ambiente é chinês. Acre-

**“Esta nova
GERAÇÃO
é mais aberta,
tem mais
conhecimentos, não
se dedica tanto ao
trabalho, já há um
pouco mais de
diversão”**

MANUELA CHEN



dita que só tem a ganhar com esta mistura de culturas. Fora o período que foi para a China, sempre estudou em escolas portuguesas. Mas a educação foi rigorosa. “Como os meus pais têm 50 e tal anos, temos tido uma educação mais voltada para a cultura chinesa. Quanto aos namoros e saídas, normalmente somos mais reservados. Mas também não sou muito de sair à noite. Gosto mais de ficar em casa e também acho que sair tanto à noite também não faz bem.”

Manuela não tem namorado. Não quer. Está a dedicar-se aos estudos; não quer a mesma vida que os pais e os irmãos mais velhos. “Os meus pais têm uma loja, mas eu não gostava de ver o meu futuro numa loja. Os meus irmãos deixaram os estudos para ir para a loja e eu queria, de alguma forma, compensá-los tendo uma vida melhor e ajudá-los.” Aos 19 anos, a terminar o 11.º ano, sonha ser engenheira biomédica.

Manuela Chen sente a diferença entre as duas gerações de chineses. “Esta nova geração é mais aberta, tem mais conhecimentos, não se dedica tanto ao trabalho, já há um pouco mais de diversão. Esta segunda geração já é mais voltada para Portugal. Já está mais aporuguesada.” Da cultura oriental retirou a sua forma de estar na vida: valorizar o trabalho, ser persistente e lutar pelos objectivos. Apesar da China estar lá bem longe, sente o enriquecimento que lhe dão a cultura, a história, a alimentação, o vestuário e tudo aquilo que a sua terra-mãe lhe dá. Talvez por isso se visse a mudar a sua vida para lá, um dia, quem sabe.

“Ainda tenho nacionalidade chinesa, mas talvez mude. Acho que ainda é cedo para decidir. Primeiro quero acabar a escola e depois decido. Se ficar aqui acho que vou adquirir a nacionalidade portuguesa, porque dá mais jeito para trabalhar.” Não sente pressa, até porque se sente bem neste limbo entre as duas culturas. Tanto aprecia a comida chinesa que come em casa, como um belo prato de batatas fritas com frango e Coca-Cola.

NO LIMBO ENTRE O ORIENTE E O OCIDENTE

Com a ama, a pequena Wang Lina falava português, com os pais falava o dialecto de Xangai. Desde miúda que se habituou a usar as duas. No entanto, se domina a primeira na perfeição, já em relação à segunda diz-se, em tom de brincadeira, analfabeta. Fala, mas não sabe ler nem escrever na língua oriental.

O percurso de vida de Wang Lina é perfeitamente ocidentalizado e liberal. Já a sua forma de estar na vida é totalmente oriental. Nasceu na maior fábrica de bebés do País, na Maternidade Alfredo da Costa, em Lisboa. Os pais vieram para Portugal em busca de uma vida melhor no início da década de 80



“Por os meus pais serem tão LIBERAIS criei uma pressão sobre mim mesma. Tive de criar a minha cerca para não ser totalmente ocidentalizada”

WANG LINA

e abriram um restaurante chinês nas Olaias. Wang Lina cresceu entre a ama e o restaurante. Sempre estudou em escolas portuguesas, mais tarde completou a licenciatura, no Instituto de Artes Visuais Design e Marketing (IADE), em Design Industrial. Durante o seu curso universitário trabalhou em *part-time* no Hard Rock Café de Lisboa. Não foi trabalhar com os pais. “O que sempre vi na cultura chinesa não foi nem os restaurantes, nem as lojas chinesas. Para mim não fazia sentido estar numa coisa que já fazia parte do meu dia-a-dia.”

A liberdade que os pais sempre lhe deram ajudou-a a crescer de uma forma ocidentalizada, mas conta que nunca faltou “a lavagem cerebral da China, da cultura chinesa, dos valores e da família”. Assume que nem sempre é fácil crescer entre estes dois mundos, mas que construiu a sua personalidade com base nesses dois pilares.

Em casa fala-se o dialecto de Xangai, mas aos 17 anos Wang Lina decidiu aprender mandarim para poder comunicar com todas as pessoas da comunidade chinesa. Faz questão de manter as suas origens, de evitar a sua própria ocidentalização. “Por os meus pais serem tão liberais criei uma pressão em mim mesma. Tive de criar a minha própria cerca para não ser totalmente ocidentalizada. Os meus pais nunca me perguntavam como ia a escola e nunca tiveram muito tempo e tive de aprender algumas coisas para me sentir próxima da cultura chinesa.”

Aos 25 anos diz que acha que os pais não a iriam deserdar se se apaixonasse por um europeu. No entanto, ela própria tem dificul-

dade em imaginar-se com alguém com uma mentalidade tão diferente da sua. “Foi-me inculcada uma herança cultural que não estou disposta a perder para casar. Sei que, se casar com um ocidental, o diálogo em casa já não vai ser em chinês e isso vai influenciar muito a próxima geração.”

Para Wang Lina, esta segunda geração de chineses em Portugal deve preservar os valores como o cuidado com a família e os pequenos gestos como levar o chá, não falar alto com os pais, não falar muito, nem dar muita opinião. “Lembro-me do meu pai estar a falar de questões de honra. Nós costumamos usar a seguinte expressão: É fácil ser uma pessoa, mas é difícil ser uma boa pessoa.”

Não se sabe, ao certo, quantos jovens estudam nas escolas em Portugal ou quantos frequentam a universidade ou mesmo quantos deixaram os estudos em prol de uma vida dedicada aos negócios familiares. Sabe-se apenas que esta primeira geração de chineses nascidos cá ou os que vieram com tenra idade não abdicam das suas raízes, da sua herança cultural. Vêm a vida com os mesmos olhos rasgados, mas com outra perspectiva: a de aproveitar a vida para além dos negócios. Afinal, nem tudo são restaurantes. Wenya Ying, Chen Jei, Joaquim Jinhui, Manuela Chen, Nuno Zhu e Wang Lina são filhos da China. Os traços físicos não enganam. Mas a sua ligação ao país dos seus pais é maior do que a distância que os separa da China. ■

CARLA JESUS (TEXTO)
E TITO CALADO (FOTOS)